

A ILUSÃO DO NACIONALISMO ÁRABE

Por Hilal Khashan*



"Chefs árabes em conselho" (obra de Horace Vernet, 1834).

A identidade árabe nunca foi bem definida.

Os levantes árabes ressuscitaram brevemente a ideia do nacionalismo árabe. Durante os Jogos Pan-Árabes de 2011 no Catar, os espectadores cantaram o hino nacional árabe não oficial, cuja letra promove a ideia de que os árabes não podem ser separados por fronteiras artificiais ou religião porque a língua árabe os une. Mas a euforia do momento logo se dissipou, conforme a realidade do partidarismo se instalou. Apesar de várias tentativas de união, as nações árabes repetidamente falharam em agir coletivamente ou em concordar em interesses comuns.

FALSOS COMEÇOS

O primeiro movimento nacionalista árabe foi lançado em Beirute em 1857. A Sociedade Científica Síria deu início a um renascimento cultural e intelectual árabe de curta duração. Não conseguindo atrair um grande público, acabou quando a Primeira Guerra Mundial começou. Era essencialmente uma organização elitista composta principalmente por cristãos sírios e libaneses e por alguns americanos e britânicos que viviam na área (o nacionalismo árabe secular atraiu os cristãos porque significava que eles poderiam ser integrados como cidadãos de pleno direito). Décadas depois, a Sociedade Árabe Jovem foi estabelecida em Paris em resposta ao golpe de 1908 dos Jovens Turcos contra o sultão otomano Abdul Hamid. O grupo exigia uma transição democrática, autonomia administrativa para os árabes e a designação do árabe como língua oficial a par do turco.

A identidade árabe não é um marcador étnico. Surgiu no califado abássida como linha divisória política entre os califas árabes e seus súditos persas no século IX. Para ser considerado árabe, bastava afirmar sê-lo e falar a língua árabe. O nacionalismo árabe se limitou principalmente ao orgulho das conquistas da comunidade, especialmente a disseminação do Islã e da língua árabe fora da Península Arábica. A obsessão de regimes árabes em se manter no poder impedia a cooperação, garantindo que o nacionalismo estatal superasse o pan-arabismo.



A ideia do mundo árabe – uma região que se estende do Oceano Atlântico no oeste ao Golfo Pérsico no leste e no Oceano Índico no sul – foi introduzida no início do século XX por Sati’ al-Husri, ministro da educação do Iraque durante o reinado do rei Faiçal I. Na época, sua conceituação do nacionalismo árabe permaneceu principalmente um apego sentimental à religião e à língua. Na verdade, os árabes se orgulhavam de sua identidade e cultura, mas não estendiam seu senso de unidade ao domínio econômico ou político.

Em 1920, Faiçal estabeleceu o Reino Árabe da Síria. Poucos meses depois, uma força francesa – que também incluía a cavalaria marroquina e dois batalhões argelinos – derrotou a força síria mal equipada e com falta de pessoal na Batalha de Maysalun perto de Damasco, reivindicando a Síria como mandato francês. Isso desferiu um golpe paralisante no nacionalismo árabe, impedindo que Damasco se tornasse um centro pan-árabe e condenando suas perspectivas de funcionar como um estado central capaz de influenciar os árabes em todos os lugares.

Ao contrário do nacionalismo na Europa, o nacionalismo árabe não se desenvolveu devido a um avanço tecnológico na produção que deu início a uma era industrial. Não deu origem a uma comunidade política inclusiva que substituiu as identidades sectárias, tribais e de clã. Os líderes árabes, na esperança de ganhar legitimidade popular, promoveram exposições públicas da ortodoxia sunita em vez de tratar a fé como assunto privado – o que alienou seitas heterodoxas islâmicas e cristãos. Por exemplo, o vice-presidente egípcio Hussein el-Shafei, que serviu no governo do presidente Gamal Abdel Nasser, tentou atrair os cristãos coptas do Egito para o Islã. Na década de 1970, Muammar al-Gaddafi da Líbia exortou os cristãos maronitas libaneses a abraçar o Islã para acabar com a guerra civil.

O pensamento nacionalista árabe contribuiu para reviver o dogma religioso. No Sudão, por exemplo, o presidente Jaafar Numeiri transformou-se de nacionalista árabe secular em fanático religioso, introduzindo a sharia em todo o país, inclusive na região não arabizada e não islâmica do sul.

FALTA DE AÇÃO COLETIVA

Esse partidarismo e interesse próprio bloquearam qualquer tentativa de coesão genuína. O Conselho de Cooperação do Golfo foi criado em 1981 por seis nações árabes – Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Catar, Kuwait e Omã – ostensivamente para integrar suas economias e capacidades de defesa. Mas o grupo não conseguiu alcançar seus objetivos declarados e as relações entre os Estados membros foram prejudicadas por conflitos. A Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos ainda estão envolvidos em contínuas questões de fronteira. E em 2017, três dos estados membros (mais o Egito) impuseram um bloqueio de três anos ao Catar.

A ideia de estabelecer a AMU (*Arab Maghreb Union*, União do Magrebe Árabe) – uma aliança entre Marrocos, Tunísia, Argélia, Mauritânia e Líbia – surgiu em 1956, depois que a Tunísia e o Marrocos conquistaram a independência da França. Mas isso também não inspirou um senso de unidade. A invasão do território controlado pela Argélia pelo Marrocos em 1963 deu início à Guerra da Areia, que azedou permanentemente as relações entre os dois países. A disputa sobre o Saara Ocidental aprofundou ainda mais as tensões e, no mês passado, a Argélia cortou relações diplomáticas com o Marrocos. Os cinco países realizaram sua primeira cúpula em 1988, mas os chefes de Estado não se encontraram desde que a Argélia fechou sua fronteira com o Marrocos em 1994. O AMU chegou a 30 acordos multilaterais, mas apenas cinco deles foram ratificados.

O Acordo Sykes-Picot de 1916, que dividiu partes do Crescente Fértil¹ em mandatos francês e britânico, amorteceu o impulso nacionalista árabe. Ao contrário do Irã e da Turquia, onde um Estado central forte promoveu coesão e solidariedade, o nacionalismo árabe não tinha um país comprometido com o avanço de sua causa e a criação de uma entidade pan-árabe unificada. Não conseguiu decolar principalmente porque os principais estados árabes estavam distraídos por seus próprios problemas com corrupção, despotismo, estagnação econômica e aventureirismo militar.

Os movimentos nacionalistas árabes se fragmentaram, dando origem a partidos políticos de esquerda e marxistas. O Partido Comunista Libanês, por exemplo, se dissociou do internacionalismo soviético para participar da guerra de guerrilha contra as tropas israelenses no sul do Líbano. George Habash, que fundou o Movimento Nacionalista Árabe em 1951, rebatizou-o de Frente Popular para a Libertação da Palestina. Este movimento marxista-leninista orquestrou grandes conspirações terroristas em Israel e uma série de sequestros de aviões nas décadas de 1960 e 1970.

O livro *Despertar da Nação Árabe*, escrito em 1905 pelo cristão maronita Naguib Azoury, previa um conflito entre o nacionalismo árabe e o sionismo – que não terminaria até que um dos dois movimentos derrotasse o outro. A profecia de Azoury se tornou realidade em 1967, quando a Guerra dos Seis Dias destruiu todas as esperanças de uma nação pan-árabe, pois as preocupações se voltaram para a recuperação do território capturado por Israel. A derrota permitiu que as minorias étnicas e religiosas na região árabe, que em sua maioria não conseguiram articular demandas específicas, contestassem a autoridade do Estado e pressionassem por autonomia. Eles tornaram-se militarizados e apresentaram demandas políticas de longo alcance na Argélia, Sudão, Iraque e além.

A identidade árabe ainda existe em um sentido restrito como uma lembrança da glória passada e de uma cultura comum. É uma força simbólica que não possui mecanismo de ação coletiva em toda a região. Tendo vivido sob uma sucessão de impérios religiosos, os árabes não passaram por uma transformação necessária para facilitar o triunfo do nacionalismo. Na região árabe, a religião continua a ser a força social decisiva e o motor da ação coletiva.

***Hilal Khashan**, respeitado autor e analista de assuntos do Oriente Médio, é professor de ciência política na American University of Beirut. Escreveu seis livros, incluindo *Hizbullah: A Mission to Nowhere*. É autor também de mais de 100 artigos que apareceram em publicações como *Orbis*, *The Journal of Conflict Resolution*, *The Brown Journal of World Affairs*, *Middle East Quarterly*, *Third World Quarterly*, *Israel Affairs*, *Journal of Religion and Society*, *Nationalism e Ethnic Politics* e *The British Journal of Middle Eastern Studies*.

¹ O Crescente Fértil localiza-se na região da atual Palestina, Jordânia, Israel, Líbano, Kuwait e Chipre, além de algumas partes do Egito, Síria, Irã e Turquia. Tem este nome porque, situada entre os rios Tigre, Eufrates, Jordão e Nilo, tem um formato assemelhado ao de uma lua crescente.